

## Caminhos dos Estudos Literários

Eloá Heise\*

**Abstract:** This essay examines the scientific paradigms on which the last 40 year's research of (German) literature is based. From the year 1968 on – the turning-point – the lack of unanimity on the legitimation of German studies is discussed. A single prominent methodological paradigm disappears and the theories become shoot-lined fashions. Since the 1980s these tendencies have been accelerating and there is no longer a centre of orientation.

**Keywords:** German intercultural Studies; close reading; cultural studies.

**Zusammenfassung:** In dem vorliegenden Aufsatz werden die literaturwissenschaftlichen Paradigmen und Tendenzen der letzten 40 Jahre behandelt. Seit dem Jahr 1968, das einen Wendepunkt darstellt, wird darüber diskutiert, inwiefern es keine Einstimmigkeit über die ideelle Legitimation des Faches mehr gibt. Ein führendes methodologisches Paradigma verschwindet und die leitenden Theorien werden im Gegenzug zu Modewellen, die nicht lange anhalten. Seit den 80er Jahren beschleunigen sich die Tendenzen, die sich von einem Orientierungszentrum entfernen.

**Stichwörter:** Interkulturelle Germanistik; close reading; cultural studies.

**Palavras-chave:** germanística intercultural; interpretação imanente; estudos culturais.

Comecemos talvez por uma constatação simples, ou poderíamos até dizer simplista, mas, para mim, um ponto de partida vital: a nossa atividade, o trabalho e a pesquisa com literatura, no sentido mais tradicional de “arte das belas letras”, está em

\* A autora é Professora Doutora do Departamento de Letras Modernas, Área de Alemão, da USP.

crise. O nosso tempo, a pós-modernidade, é a época em que a imagem prevalece sobre a palavra. Estamos na era do cinema embalado ao ritmo dos efeitos especiais, uma profusão de sons, cores e movimentos que, ganhando toda dimensão espacial da tela, perde em profundidade significativa. Tornou-se, simplesmente, um fenômeno não-hermenêutico. Outro exemplo evidente do uso da imagem pela imagem é o *videoclip*, um delírio imagético que não se presta ao fulcro de aprofundamentos interpretativos. O espaço antigamente ocupado pela leitura como forma de entretenimento, abre-se hoje para a mídia, a música, a visualidade. Estamos, cada vez mais, afogados em um mar de imagens que, com seu forte apelo sensorial, não propiciam a atividade exegética própria da literatura.

A constatação da crise pode ser facilmente interpretada através do levantamento de títulos feito por Jochen VOGT em publicações alemãs sobre o assunto Germanística. Dentre eles, podemos citar alguns. Note-se que os autores dos artigos são todos renomados especialistas da matéria.

- \* *Wozu eigentlich Literaturwissenschaft? (Para quê, afinal, ciência da literatura?)* de Walter KILLY, 1970
- \* *Ist die Literaturwissenschaft zu Ende? (A ciência da literatura chegou ao fim?)* de Benno VON WIESE, 1973
- \* *Entfernt sich die Literaturwissenschaft von sich und ihrem Gegenstand? (A ciência da literatura distancia-se de si e de seu objeto?)* de Fritz MARTINI — 1976
- \* *Endlösung für die Literatur (Solução final para a literatura)* de Horst Albert GLASER, 1980
- \* *Stumm und ohne Hoffnung. Die totale Paralyse der Germanistik (Muda e sem esperanças. A total paralisia da germanística)* de Joachim DYCK, 1987
- \* *Über allen Wipfeln ist Ruh (Sobre todos os cimos reina a paz)* de Hans-Ulrich GUMBRECHT, 1988

E o debate continua. Esse tipo de questionamento não se limita às publicações estrangeiras. Entre nós, algumas editoras de universidades também têm publicado títulos sobre o assunto:

- \* *O futuro dos estudos literários: implicações práticas de uma questão filosófica*, de João Cezar de CASTRO ROCHA, 1997
- \* *Corpo e forma. Ensaios para uma crítica não-hermenêutica* de Hans-Ulrich GUMBRECHT, 1998

Retomando-se o decurso cronológico dos julgamentos acima citados, pode-se perceber que a auto-tematização da crise, anunciada desde 1970, persiste até os nossos dias, o que demonstra que quem demora tanto tempo em agonia, ainda dá sinais evidentes de continuar vivendo, o que, por si só, é uma forma de alento.

Para detectar-se o início do problema, caberia aqui recordar historicamente o paradigma científico no qual se baseou a pesquisa com textos literários nos últimos 40 anos, espaço de tempo que abarca minha vivência com este objeto, a literatura.

A década de 50 e grande parte da de 60 foi marcada por uma abordagem da literatura a partir de um enfoque totalmente despolitizado e desvinculado do contexto histórico e social em que a obra foi produzida. Tratava-se da interpretação imanente de textos, escola na qual grande parte de minha geração foi adestrada. Aprendia-se a fazer uma leitura intensiva do texto, onde cada palavra era perscrutada em suas possíveis conotações, onde o objeto único de atenção era a mensagem escrita, não as informações subjacentes que poderiam enriquecer a leitura. Lembrou-me até hoje de um professor visitante alemão que, ministrando literatura por um semestre, chegou a trabalhar na interpretação de textos dos quais se negava a fornecer até mesmo o nome do autor. Apesar de exageros desse tipo, a interpretação imanente significava um avanço importante para a disciplina, até então assolada por um biografismo estéril de uma lista de autores, por uma mera reprodução parafrásica dos textos lidos. Em contraposição à atenção dedicada anteriormente ao acessório, a interpretação imanente significava voltar o enfoque para o elemento especificamente literário do texto, deixando de lado, por exemplo, informações de ordem histórica e social.

Devo confessar que esta estratégia de leitura é, em grande parte, até hoje largamente utilizada por mim na tarefa de ministrar literatura estrangeira no Brasil, como forma de acesso ao texto. Por mais que se possa ter uma boa proficiência em língua estrangeira, nós, na qualidade de falantes não nativos, lemos uma literatura estrangeira, por princípio, de forma diferente dos falantes nativos, temos uma percepção muito mais detalhada da palavra, realizamos uma leitura quase que 'literária', onde cada expressão destaca-se primordialmente por sua 'função poética', no sentido da conhecida nomenclatura de JAKOBSON. Através da interpretação imanente recupera-se, em parte, o prazer da leitura.

Acredito que esse enfoque apolítico do texto literário coadunou-se muito bem ao contexto político da antiga Alemanha Ocidental nos anos 50, a chamada *Era Adenauer*, quando, para livrar-se da carga negativa do passado nazista, os críticos evitavam toda e qualquer manifestação que pudesse ter um caráter ideológico. Não é mera coincidência que, na Alemanha, esse paradigma científico começou a declinar quando o partido socialista alemão, SPD, galgou ao poder.

O comentário acima, com as devidas adaptações, também poder ser válido para os estudos de literatura alemã no Brasil (quero restringir-me ao meu campo de ação, apesar de crer que isso seja pertinente para o estudo de outras literaturas estrangeiras no Brasil). O fulcro da análise imanente, que chegou até nós um pouco mais tarde, amoldava-se muito bem à perspectiva despolitizada que exigia o clima de nossa ditadura militar.

No âmbito europeu, os ventos de mudança do cenário político e social irão insuflar novos ares na investigação científica da literatura partir de 1966, quando da organização do movimento estudantil, que irá eclodir ruidosamente em 1968. Na época, o ideal da arte foi colocado a serviço da emancipação social.

As transformações ocorrem, então, em vários níveis. No âmbito acadêmico, por exemplo, materializa-se um processo de modernização das relações institucionais da Universidade e, por conseqüência, da Germanística. As três colunas-base que servem de sustentação para a área foram reavaliadas: a legitimação ideológica, os conteúdos e métodos científicos e a função social. Quanto à legitimação ideológica e a função social, como mencionado anteriormente, procurou-se substituir o que no fundo é um grande mal-entendido, o ideal artístico pela busca da emancipação social ou de um socialismo idealizado. Já em relação aos métodos científicos, percebe-se a procura de ligação com teorias de âmbito internacional: o espectro teórico ampliou-se; a teoria literária marxista, o estruturalismo, a análise psicológica vêm à baila. A partir de 1968, novas formas de transmitir conhecimentos e de concretizar a relação estudo-aprendizagem foram valorizadas, como o trabalho em equipe, a discussão em grupo, os *workshops*. No caso específico da relação institucional acadêmica, o Professor Assistente não mais precisou calar suas opiniões quando o catedrático emitia julgamentos, antes considerados como sentença final.

No meio universitário brasileiro, a abolição das antigas cátedras, ocorrida no início da década de 70, também deveria ter produzido uma democratização na relação institucional entre os docentes do terceiro grau. Mas essa mudança não ocorreu de imediato. Entre nós, os antigos catedráticos, ciosos de seu poder, ainda levaram pelo menos uma década para permitir o livre vôo acadêmico de seus ex-assistentes. Paulatinamente, foram se dissolvendo as arraigadas "cadeiras" e se articulando um verdadeiro Departamento de Letras, onde várias áreas puderam descobrir livremente elos e afinidades eletivas entre disciplinas antigamente estanques. Este foi o primeiro passo, em nível institucional, que ajudou a criar a base para o desenvolvimento, no campo das literaturas estrangeiras, dos hoje tão valorizados estudos interdisciplinares.

A partir do ponto de inflexão que foi o ano de 68, o edifício da ciência da literatura não mais se fundou na base da antiga estabilidade. Não mais houve um consenso sobre a legitimação ideológica da área; desaparece, por completo, um

paradigma metodológico dominante; muito pelo contrário, os eixos orientadores passaram a constituir ondas da moda de curta duração.

Nos últimos 25 anos a Germanística alemã e, de forma geral, todo o estudo da ciência da literatura, sofreu um processo de pluralização jamais observado anteriormente. Desde a década de 80, acelerou-se a progressão das tendências que, numa dinâmica centrífuga, distanciam-se de um centro orientador. Verifica-se a coexistência de focos de interesse justapostos e mesmo contrapostos, tais como: história social da literatura, análise psicológica na linha de LACAN e FREUD, desconstrução, história das mentalidades, teoria e história dos *mass media*, literatura feminina e literatura *gay*, germanística intercultural. Paralelamente continuam válidas, como antes, as pesquisas históricas positivistas e a interpretação crítico-imanente de obras.

Em lugar de se lamentar que o campo de ação se transformou em uma arena onde reina o vale-tudo estético, podemos pensar que o perigo da perda de um centro, a pluralização das correntes, pode significar a chance de reconhecimento de nossa diferença e da nossa especificidade, nós que estudamos uma literatura estrangeira a partir de um outro pólo. Hoje podemos assumir, sem restrições, a consciência da nossa alteridade.

E, como se estabelece esta relação com uma literatura, para nós estrangeira, ou seja: o nosso conhecimento do *outro*? Para o esclarecimento desse processo hermenêutico, tomo por base a teorização exposta por TODOROV em seu livro *The Morals of History*.

A compreensão de uma cultura estrangeira baseia-se na relação dialética entre dois elementos constitutivos, a polaridade entre o *eu* e o *outro*. Tal relação desenvolve-se em diferentes fases.

A primeira fase de compreensão consiste em uma aproximação e assimilação do *outro* como se fosse o próprio *eu*. Um estudioso de uma outra cultura, por exemplo, aproxima-se dessa cultura como se ela fosse estruturada da mesma maneira que a sua. Nesse estágio ainda não há a verdadeira percepção do *outro*; esse tipo de conhecimento cresce de maneira quantitativa, mas não qualitativa, pois a única instância que persiste é a própria.

Já a segunda fase de conhecimento, em oposição à primeira, consiste em relegar o *eu* em benefício do *outro*. Nesse estágio, o *eu* elimina as manifestações de sua identidade original, eliminando a própria subjetividade. Tentando apreender a essência do *outro* em sua totalidade, o *eu* tem a falsa pretensão de estar sendo objetivo. Aqui, novamente, há apenas uma identidade, só que nesse caso, a do *outro*, mesmo que, no fundo, esta identidade não seja autêntica.

Na terceira fase de compreensão, o *eu* resume a própria identidade, mas após ter feito tudo para conhecer o *outro*. A sua exterioridade temporal, espacial ou cultu-

ral não se desenvolve mais em curso, ao contrário, é enriquecida de novos conhecimentos que se agregam ao *eu*, não no sentido quantitativo, mas no qualitativo. Abandona-se o discurso do *outro* para estabelecer um diálogo entre o meu e o do outro. Existe uma progressão, uma vez que as categorias do *eu* são percebidas de forma relativa, enquanto se conscientiza, paralelamente, da relatividade das categorias do *outro*. Nessa etapa, a dualidade, ou se quisermos, a multiplicidade substitui a unidade e o *eu* preserva-se distinto em relação ao *outro*.

Na quarta e última fase, o *eu* novamente abandona a própria identidade, mas agora de maneira totalmente diversa: sem se identificar com o *outro* nem voltando completamente à antiga identidade. O processo poderia ser descrito da seguinte forma: o conhecimento do *outro* depende do conhecimento que o *eu* tem de si, ao mesmo tempo em que determina e enriquece o conhecimento que o *eu* tem de si próprio. Ou ainda falando em termos mais corriqueiros: a vivência de uma cultura estrangeira torna-me mais cômico de minha própria identidade e serve de força motriz para minha identidade, colocando-a em movimento. Interagindo com o *outro*, minhas categorias sofrem tal transformação que elas representam as duas partes em relação de interface, ou melhor, constituem uma terceira unidade. Citando a conclusão de Todorov: “Things are not universal, but concepts can be: one must simply not confuse the two so that **the road to a shared meaning** may remain open” (TODOROV 1991: 16).

Eis aqui o primeiro pressuposto a dar relevância ao estudo de uma literatura estrangeira fora de seu lugar de origem. O interesse por uma literatura que não é a minha não significa o abandono do que me é próprio em favor do outro; não significa também apenas uma somatória daquilo de que sou acrescido em informações e conhecimento que adquirir sobre o outro. A integração de dois mundos em contato deve almejar, isto sim, uma troca de significados que podem ser compartilhados e que, em última instância, levam a um melhor conhecimento de mim mesmo. Toda vez que esse processo de trocas é interrompido, como no caso dos regimes ditatoriais, quando a produção artística é balizada pelas regras da censura, perde-se o elo com o outro, com o mundo, deixando o próprio universo mais estreito e condenado ao provincianismo. Cada novo conhecimento do outro leva a um novo conhecimento de mim mesmo, potenciando esse movimento rumo ao infinito. Nesse sentido a universalidade, que parece uma utopia impossível de ser atingida, esboça-se não como fato concreto, mas sob forma de projeto.

A constatação do foco privilegiado que significa o olhar estrangeiro, ou nos termos esboçados anteriormente, o *eu* em contato com um *outro* que lhe é, em princípio, estranho, já foi esmiuçado teoricamente por BRECHT em sua conhecida teoria do *V-Effekt* (*Efeito de estranhamento*). É só a partir do processo do não conhecer, de estranhar, que atingimos o estágio do conhecer. Portanto, é esse enfoque novo, esse

olhar de descoberta que nos é próprio pela nossa condição intrínseca de estrangeiros, que nos pode servir de ‘fermento’, de mola propulsora de sentido, pois buscando algo diferente daquilo que somos, vamos, no fundo, ao encontro de uma redescoberta de nós mesmos.

Talvez seja esse um atalho efetivo de saída para a situação de crise em que se encontra o nosso campo de ação. Não parece mera coincidência que grandes nomes do pensamento filosófico dos nossos dias sejam estudiosos que vivem sob o signo da biculturalidade, como é o caso do próprio TODOROV, búlgaro de nascimento, JULIA KRISTEVA, também búlgara, ou o de DERRIDA, o papa da desconstrução e da consciência da diferença, originário da Argélia.

Mesmo que haja um consenso do que seria a relação ideal entre duas culturas em contato, esse tipo de intercâmbio produz dificuldades específicas.

O Brasil é um país do que se convencionou etiquetar como ‘Terceiro Mundo’, o que para muitos seria sinônimo de terceira categoria, uma posição que desperta a falsa crença de que tudo que vem de fora é melhor do que aquilo que temos por aqui. Esse tipo de xenofilia, como seu oposto, a xenofobia, movimenta-se no mesmo campo minado, o do racismo.

Retomando os 4 estágios que a progressão do conhecimento do outro percorre, pode-se afirmar que a identidade é despertada a partir da diferença; a cultura só evolui levando-se em conta seus contatos externos, ou seja, **o intercultural é a base constitutiva do cultural**. Culturas não são sistemas, no sentido de partes ordenadas entre si que funcionam coordenadamente, mas sim composições de diversas origens. Analisando-se a questão sob o ponto de vista moral, a universalidade deveria ser a meta que se almeja nessa procura de conhecimento mútuo. Contudo, a diferença entre as culturas, como força motriz da civilização, nunca irá desaparecer, mesmo que a tecnologia e os recursos de comunicação tendam a diminuir as distâncias.

Tal como a maturidade do indivíduo se manifesta quando este ultrapassa o estágio em que o mundo existe em função do *eu* para o nível em que o *eu* existe no mundo, também a maturidade cultural é atingida quando a cultura não permanece apenas voltada para si mesma, mas assume a prática da “transvaluação”. Esse termo foi cunhado por Northrop FRYE para designar o olhar de volta para si, enriquecido pelo contato com o outro. Nesse caso, o prefixo latino *trans* deve ser entendido não apenas para designar a transferência de valores de um pólo ao outro, mas expressa o movimento que conduz os valores para além do ponto de partida inicial.

E qual seria o campo onde a prática da transvaluação se torna efetiva, onde é possível manter-se aberto o “caminho de significação compartilhada”? TODOROV encontrou uma resposta no campo da literatura, em obras do pensador que, em sua

opinião, foi o primeiro teórico da interação cultural, GOETHE, o criador do conceito *Weltliteratur*.

A idéia de *Weltliteratur* não significa apenas, como o nome parece indicar, uma “literatura universal” unida por denominadores comuns às literaturas do mundo; para GOETHE, o elemento vital da *Weltliteratur* são as transformações pelas quais cada literatura nacional passa em tempos de trocas universais. Não significa abrir mão da especificidade de uma literatura nacional, muito pelo contrário, significa um mergulho no nacional até que se encontre o que há nele de universal. De acordo com esse conceito de Goethe pode-se entender como *Grande Sertão: Veredas*, de GUIMARÃES ROSA, alcançou repercussão mundial. Esse exemplo nítido da literatura regionalista brasileira mereceu por parte do autor um tratamento especial da palavra, como feixe de significações. Com isso, Rosa retoma um recurso dos mestres da prosa moderna, como um Joyce ou um Borges. Já o que ocorre no nível da linguagem, transparece também nos grandes blocos de significado que lhe dão o lastro de universalidade. Seu romance revela uma visão global da existência onde se fundem a Natureza, o bem e o mal, o divino e o demoníaco, o uno e o múltiplo.

O conceito de GOETHE, contudo, não se concretiza na direção de buscar no nacional o que há de universal, mas também no sentido inverso: em meio ao universal, resgatar o que existe de nacional. A postura a ser assumida diante de uma cultura estrangeira é a de reconhecer nela o que há de universalmente humano e depois tentar incorporar esse aspecto àquilo que é próprio da minha cultura. Abrir-se para uma outra cultura estrangeira, é, nesse sentido, não se entregar, mas, em última instância, receber.

Sem a possibilidade de resgatar no universal o que existe de nacional, o trabalho com a literatura estrangeira perde sua mais efetiva mola propulsora, a motivação. Quem lê textos em uma língua que não é a sua, precisa ser estimulado a se ocupar de maneira crítica e ativa com seu objeto de trabalho, fazendo de sua leitura uma forma de conhecimento e reconhecimento de si próprio. Caso contrário, estamos trabalhando com “idéias fora de lugar”, para usar um conceito consagrado por Roberto SCHWARZ. Refletindo em uma direção parecida, Sérgio BUARQUE DE HOLANDA observa em sua antológica obra *Raízes do Brasil*: “Trazendo de países distantes nossas formas de vida, nossas instituições e nossa visão do mundo e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos desterrados em nossa própria terra” (BUARQUE DE HOLANDA 1956: 15). Enquanto as idéias com que trabalhamos forem fora de lugar, ou seja, enquanto transpusermos irrefletidamente para a realidade brasileira cânones de uma literatura estrangeira, sem um ponto de referência e interesse comum entre a cultura de origem e a nossa, estamos nos condenando a transmitir uma literatura estrangeira que é, antes de tudo, estranha, no sentido de alheia.

Discutiu-se, aqui, o conceito da transvaluação como um valor a ser cultivado, o que não significa que todos os contatos e interações com uma cultura estrangeira sejam necessariamente positivos. Se caíssemos nesse julgamento, estaríamos voltando ao campo da xenofilia. Não se deve glorificar o outro, presumindo que seu caráter de alteridade o torne melhor. O contato entre culturas só adquire a verdadeira dimensão quando produz uma visão crítica e a leitura serve como aquisição de vivência e conhecimento na busca da própria identidade. Nesse sentido a literatura, como disposição estética nos termos de Schiller, contemplaria o caráter utópico de um projeto de formação.

Temos que repensar o cânone que nos é imposto pela literatura estrangeira, para que esse não se transforme em método pedagógico de aculturação. Em lugar de importarmos irrefletidamente padrões para o Brasil, seria antes necessário que estes fossem adaptados a nossos propósitos e a nosso contexto argumentativo, levando-se em conta uma avaliação intercultural de interesses. No contexto fora de seu país de origem, os três pilares que servem de base para a disciplina devem ser reavaliados em relação ao contexto brasileiro: a legitimação ideológica, o paradigma científico e a função social. Só através da escolha direcionada e seletiva de textos que transmitam experiências estéticas que correspondam ao seu horizonte de expectativa é que podemos reconquistar leitores. A forma de ler e de pensar está intrinsecamente ligada a fatores diferenciadores como espaço, tempo, distância, história e outros tantos que desempenham um papel fundamental dentro do processo receptivo do discurso literário. Tais fatores, através de sua marca cultural específica, irão mediar as diversas formações de sentido. Esses pressupostos que integram a experiência estética, também precisam ser levados em conta quando se faz a escolha dos textos a serem lidos: deve-se valorizar não só o lado produtivo, que constitui a obra em si, como também o receptivo e comunicativo da obra literária.

Em meio a essa complexidade de fatores mediadores de sentido, faz parte da função social da literatura estrangeira o fato de ser ministrada no Brasil de hoje. Suscitar, a partir da leitura dessa literatura estrangeira, problemas e questionamentos diferentes de seu país de origem, torna-se um meio de valorizar a literatura como atividade humana que supera e transcende as barreiras nacionais e aponta para reciprocidade de experiências e circulação de valores. Esta constatação nos leva ao destino quase que inevitável do professor de literatura estrangeira: movimentar-se no espaço fascinante e profícuo das pesquisas interdisciplinares e dos enfoques comparados. Procurando convergência nas divergências entre a literatura estrangeira e a brasileira, podemos entendê-las como constituintes de uma cultura mais ampla, da qual as duas participam como variantes culturais.

Pelo exposto, pode-se perceber que a porta que se abre para a crise no âmbito do ensino da literatura fora de seu país de origem é o campo da literatura comparada,

visto que o professor brasileiro de uma literatura estrangeira conhece a realidade literária de seu país e pode compará-la com a cultura estrangeira, respondendo, assim, à legitimação ideológica da disciplina e preenchendo sua nova função social. Essa tarefa comparatista pode nos aliviar da eterna sensação de impotência diante, por exemplo, dos germanistas alemães, uma vez que podemos lhes oferecer campos de pesquisa inéditos, pois eles desconhecem os problemas específicos de nosso contexto cultural.

Dentre a progressão das tendências metodológicas, percebe-se, hoje, que os estudos literários caminham no sentido de integrar e relacionar a literatura com outros ramos do saber, onde esta assume a função de um dos componentes no vasto campo dos estudos culturais. Seria este o caminho para reconquistar a vitalidade perdida? Para esta pergunta não acredito que já se tenha uma resposta definitiva. Ao mesmo tempo em que este novo rumo aponta para infinitas possibilidades, ele também corre o risco de enveredar por um ecletismo amadorístico que não oferece o desejável aprofundamento de opiniões abalizadas. Talvez seja este o viés analítico que se preste ao ideário da globalização e o trabalho com a literatura, através deste paradigma científico, talvez conquiste a legitimação ideológica própria dos novos tempos. Poucas vezes pude vivenciar uma demonstração competente deste tipo de análise cultural. Um exemplo positivo, contudo, foi fornecido por Hans-Ulrich GUMBRECHT, um representante exponencial da conhecida *Escola de Konstanz*, que hoje leciona na Universidade de Stanford, fez uma magnífica preleção estabelecendo a relação entre filosofia e futebol e, sendo alemão, radicado nos Estados Unidos, optou por proferir sua conferência em espanhol.

Todos estes detalhes servem, de maneira emblemática, para caracterizar o rumo, ainda incerto, que está tomando a ciência da literatura, assumindo um pensamento menos messiânico, mais horizontal, que não mais aceita e continuamente revolve seus antigos limites, mas que se preocupa muito mais em ser sincrônica, no sentido de próxima da vida.

### Referências bibliográficas

- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*, São Paulo, Cultrix 1994.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sergio. *Raízes do Brasil*, Rio de Janeiro, José Olympio 1956.
- HEISE, Elóá. "Literatura estrangeira não precisa ser literatura estranha". In: *Anais do III EPLLE*, UNESP 1994, 47-50.

STURM, D. (org.) *Deutsch als Fremdsprache weltweit*, München, Max Hueber Verlag 1987.

TODOROV, Tzvetan. *The Morals of History*, Minneapolis, University of Minnesota Press 1991.

VOGT, J. "Aus Irrtum studiert? Aus Gewohnheit gelehrt? Einige Bemerkungen zur deutschen Germanistik". In: *Runa*, Band I/25, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra 1996, 43-55.